

MARTÍN ROLDÁN VERA

marover69@hotmail.com

Universidad Veracruzana, Colégio do México, México

OS POVOS ORIGINAIS E A CIVILIZAÇÃO MODERNA

RESUMO

Nas suas origens, a humanidade era vista como parte da natureza. Com o surgimento das religiões monoteístas modernas, os seres humanos passaram a surgir como seres separados dessa natureza. No entanto, os povos originais preservaram uma maior conscientização desse vínculo, o que os torna a esperança da humanidade pela sua reserva de valores de respeito por essa natureza em tempos onde a deterioração ambiental se torna crítica para a sobrevivência da população humana. A civilização ocidental moderna deve mostrar humildade diante dos povos originais e aprender com os valores que lhes permitiram sobreviver durante séculos ou milênios. O seu profundo conhecimento acumulado das condições geográficas e ambientais provou ser muito útil para pessoas com sociedades e tecnologias aparentemente mais avançadas. No entanto, não devemos idealizar os povos nativos como sociedades primitivas absolutamente respeitadoras da natureza.

PALAVRAS-CHAVE

povos nativos; civilização ocidental; ecologia; sabedoria indígena

RESPEITO À NATUREZA PELO *EU SOU TU*

Uma das primeiras coisas que o homem descobriu depois de ter alcançado a autoconsciência foi provavelmente o grande poder da natureza e a sua dependência dela. A humildade que o ser humano desenvolveu

diante dela é assim compreendida. De maneira natural, as qualidades divinas foram atribuídas às forças e manifestações da natureza. O *Sol*, a *Lua* e a *Terra* passaram a ter propriedades divinas; relâmpagos, trovões, ventos e tempestades eram vistos como forças causadas pelos deuses.

Um profundo respeito à natureza também se desenvolveu, porque o ser humano fazia parte dela. A natureza alimentou-o e protegeu-o. É por isso que a terra também era vista como mãe.

No entanto, à medida que o ser humano desenvolvia as novas tecnologias, ele ganhou segurança diante da natureza. Especialmente importante foi o desenvolvimento da agricultura, que permitiu maior controle sobre as compras de alimentos. No entanto, a humanidade permaneceu dependente da natureza. O sol, a chuva e o vento ainda eram variáveis que não podiam ser totalmente controladas, mesmo quando foram desenvolvidas técnicas de irrigação.

A religião tornou-se essencial para obter um relacionamento mais direto com os deuses, que forneciam o necessário para obter comida suficiente. Embora em menor grau, o homem permaneceu parte da natureza.

Talvez um dos primeiros povos que separou o respeito pela natureza da divindade tenha sido o judeu. Numa época em que a Mãe Terra ainda era venerada como provedora de vida, o judaísmo desenvolveu uma religião patriarcal na qual um Deus masculino de natureza mais abstrata e separado do mundo natural começou a predominar. Originalmente, os judeus distinguiam-se das aldeias dos agricultores, na medida em que eram comunidades de tipo pastoril.

Assim começou o homem a ver-se como um ser mais separado da natureza. E o homem criado à *imagem e semelhança de Deus* parecia mais distante da natureza. Os judeus e, séculos mais tarde, os cristãos aprenderam a desprezar as tradições religiosas que atribuíam um alto valor à natureza, o que dava um alto respeito à natureza.

Séculos depois, o cristianismo – religião nascida no judaísmo – também proporcionou uma visão do homem à parte da natureza. Uma vez perdido, esse vínculo íntimo com a natureza não se recuperou novamente.

Ao conquistar os vários povos nativos, os povos cristãos também destruíram as suas culturas e as suas visões do homem como um ser que faz parte da natureza, não como alguém separado dela. No entanto, felizmente uma parte dessa cultura sobreviveu por séculos até hoje, quando a civilização ocidental começou a reconhecer a importância dos valores culturais dos povos nativos.

A civilização ocidental desenvolveu nos últimos séculos um amplo corpo de disciplinas especializadas e, dentro de cada disciplina, subdisciplinas. O campo da Medicina é ilustrativo: especialidades médicas foram desenvolvidas para cada sistema do corpo humano. Tratamentos médicos especializados frequentemente saturam os pacientes com medicamentos. Cada medicamento produz efeitos colaterais indesejáveis em outras áreas do corpo que, por sua vez, devem ser tratados com outro medicamento que causa os seus próprios efeitos colaterais e assim por diante.

O conhecimento dos povos nativos geralmente não atinge graus tão pronunciados de especialização. A separação entre medicina e religião, por exemplo, geralmente não é muito clara, o que ajuda a tratar a pessoa como um todo, e não como uma série de sistemas que parecem independentes uns dos outros. Embora o conhecimento dos povos originais seja geralmente visto como primitivo, os “curandeiros” desses povos geralmente possuem um conhecimento muito sofisticado sobre saúde e espiritualidade. Pessoas pertencentes a povos nativos geralmente também têm um conhecimento interdisciplinar útil para a vida. Por exemplo, o mesmo homem pode possuir conhecimentos de alvenaria, agricultura e habilidades artesanais, todos eles são úteis e enriquecem o espírito de seu dono. A vida especializada da civilização ocidental pode ser muito árida em comparação: uma pessoa é especializada numa área específica do conhecimento e atua profissionalmente nela.

A civilização ocidental, no entanto, já começa a reconhecer a utilidade de sistemas de pensamento menos especializados e mais holísticos. Pode ser visto em áreas como a medicina, onde tratamentos médicos alternativos e a medicina não convencional ganharam terreno nas últimas décadas. Após séculos de adaptação a ambientes naturais específicos, os povos nativos desenvolveram tecnologias muito apropriadas para a sobrevivência no seu próprio ambiente. A arrogância do desenvolvimento tecnológico avançado demonstrou muitas vezes a sua incapacidade para compreender e aceitar tecnologias milenares.

Um exemplo com um século demonstra a utilidade das tecnologias desenvolvidas pelos povos nativos ao longo de milênios contra as formas da civilização ocidental. Em 1909, quando o explorador norueguês Roald Amundsen estava prestes a embarcar numa expedição para chegar ao Polo Norte pela primeira vez, ele soube que a expedição liderada pelo americano Robert Edwin Peary havia sido avançada. Embora Amundsen não tivesse experiência no outro extremo da Terra, ele rapidamente decidiu embarcar na conquista do Polo Sul, o único que restava. No entanto, o britânico

Robert Falcon Scott liderou a sua própria expedição para chegar ao ponto mais a sul da Terra.

Scott conhecia a Antártica muito melhor que o norueguês, porque anos atrás ele tinha liderado outra expedição ao continente sul. No entanto, na carreira que se seguiu, Amundsen superou Scott por mais de um mês. Amundsen e os companheiros que chegaram ao polo com ele voltaram sãos e salvos, mas Scott e os seus companheiros morreram na viagem de volta.

Uma das chaves do sucesso de Amundsen e do fracasso de Scott foram as diferentes tecnologias usadas. Amundsen passou anos a viver com os povos do Ártico, assistindo e aprendendo como eles sobrevivem no norte inóspito, e a maioria das tecnologias que ele usou na sua expedição ao Pólo Sul eram as mesmas que o povo do Ártico usa para sobreviver. A expedição de Scott, por outro lado, seguiu critérios mais típicos de sua cultura britânica. Por exemplo, a sua seleção dos homens que o acompanhariam ao polo foi definida mais pela sua posição na aristocracia britânica do que por suas aptidões físicas. Usavam roupas de lã embebidas na humidade da Antártica, em contraste com roupas impermeáveis feitas com peles de animais que Amundsen e os seus homens usavam.

A humildade de Amundsen diante da sabedoria dos povos nativos é um exemplo para a civilização moderna que se afoga nas suas próprias contradições e corre o risco de sucumbir aos seus próprios excessos.

Uma área em que a adaptabilidade das culturas antigas do mundo também foi demonstrada é a da agricultura. As variedades agrícolas desenvolvidas por aldeias específicas ao longo de milénios provaram a sua superioridade muitas vezes antes das variedades modernas desenvolvidas pelos agrónomos modernos. Cada cidade desenvolveu variedades de plantas específicas adaptadas ao seu ambiente geográfico específico. À medida que o cultivo de variedades agrícolas únicas se espalha por todo o mundo, a humanidade torna-se vulnerável. No século XIX, a dependência da Irlanda numa única variedade de batata causou uma fome terrível. O problema foi resolvido apenas quando a composição genética da batata foi alterada usando uma variedade de batatas cultivada no México.

A IMPORTÂNCIA DO *TU* NATIVO

Os povos nativos são tremendamente importantes, porque, continuando a cultivar as suas próprias variedades de plantas alimentares, tornaram-se os guardiões da diversidade genética que podem ajudar a melhorar as culturas em caso de imprevistos, como o caso mencionado na Irlanda.

O mundo moderno tornou-se tremendamente individualista e a tendência é mais acentuada no Ocidente. O individualismo passou a ser um dos valores mais fortes das sociedades de hoje e pode tornar-se um grande obstáculo à sobrevivência das sociedades e da própria humanidade, numa época em que ficou claro que os recursos globais são limitados. Para que a humanidade sobreviva, é necessário desenvolver um senso de comunidade global. Os povos originais são, nesse sentido, a reserva de valores comunitários da humanidade, porque o senso de comunidade permanece muito forte entre eles. Esses valores são importantes nos países ricos, que recebem imigrantes de aldeias nativas ou os seus descendentes mestiços que ainda mantêm grande parte do seu senso de comunidade. Os países ricos devem aproveitar esse senso de comunidade dos seus imigrantes como uma riqueza cultural de alto valor para as suas próprias sociedades.

No entanto, não faz sentido idealizar os nativos dos povos nativos. Uma e outra vez, quando europeus ou ocidentais se aproximaram com boa vontade, abusaram da ingenuidade dos seus visitantes. Quando os europeus entraram em contacto com esses povos, levando consigo a superioridade tecnológica das suas armas, os povos nativos frequentemente faziam alianças com eles para obter vantagens nas rivalidades com os seus vizinhos. Em várias ocasiões, os europeus acabaram por ser reféns de conflitos militares que existiam antes da sua chegada.

Tampouco deve ser idealizada a capacidade dos povos nativos de respeitar o seu próprio ambiente natural ou a sua bondade inata. Desmatada completamente pelos seus habitantes polinésios, a Ilha de Páscoa no Pacífico Sul também mostra que nem todos os exemplos dos povos nativos do mundo são positivos. Quando os pascoenses esgotaram o seu ecossistema local e a produção agrícola foi reduzida pelo empobrecimento das terras erodidas, recorreram ao canibalismo. Não sem razão, o exemplo da Páscoa é frequentemente usado para alertar o que poderia acontecer com toda a humanidade se não medir os recursos limitados do seu planeta.

Entre os povos nativos, também temos exemplos positivos de conservação ambiental. Os povos nativos da Nova Guiné conseguiram viver de maneira sustentável na terra por várias dezenas de milhares de anos, embora utilizassem métodos de controle demográfico que hoje dificilmente poderiam ser moralmente aceite: o infanticídio.

Em suma, embora os povos originais sejam vistos como primitivos, é muito possível que possuam as chaves para a preservação da humanidade a médio e longo prazo. São eles que habitam a Terra por mais tempo, e pode-se dizer que são eles que a conhecem melhor. No caso da civilização

moderna entrar em colapso, como resultado dos seus próprios excessos e contradições, talvez sejam os povos antigos que têm mais chances de sobreviver sem perder a sua identidade.

Durante a apresentação de uma rede de produtores de agricultura orgânica (biológica ou ecológica) no México, o coordenador disse que todos os produtores eram indígenas. Então eles pediram a um dos produtores que tomasse a palavra. Era um homem loiro, cujo sotaque era obviamente estrangeiro e iniciou o seu discurso com a frase: “disseram que todos os produtores desta rede são indígenas. Eu também sou um indígena da Bélgica”. Além da ironia da anedota, o agricultor belga estava certo. Todos os seres humanos pertencem a povos nativos. Todos somos nativos desta Terra única em que habitamos.

No passado, foram feitas tentativas para trazer os povos nativos para a vida moderna, para transformá-los em povos modernos. Hoje parece mais necessário seguir o caminho inverso. Sociedades que não são consideradas povos nativos devem começar a fazê-lo se a humanidade quiser sobreviver. É necessário recuperar o elo perdido com a natureza, o ser humano moderno precisa ser concebido como parte da natureza da mesma maneira que os seus ancestrais fizeram no passado distante.

Embora o panorama possa às vezes ser visto de forma pessimista por causa da influência que o mundo moderno teve sobre os povos originais, ainda se pode ter esperança. O México é um bom exemplo de como os valores dos povos nativos podem ser integrados no mundo moderno. No México, existem 15 milhões de indígenas pertencentes a mais de 60 grupos étnicos diferentes e grande parte da cultura indígena original sobrevive entre os mexicanos que não são considerados indígenas. Muitos dos povos indígenas do México vivem em áreas cujos ecossistemas nativos são mais ou menos bem conservados. E não é por acaso que o México é o país com o maior número de reservas ecológicas comunitárias do mundo. Ainda há bastante respeito pela natureza entre os povos nativos do México.

Desde o início do movimento ambiental no México, foi desenvolvida uma abordagem que buscava não apenas a preservação dos ecossistemas, mas também as comunidades indígenas ou mestiças que residiam neles. Nesse sentido, o modelo ambiental mexicano – que o governo mexicano incorporou nas suas próprias políticas de conservação ambiental – é diferente de, por exemplo, o estilo conservacionista dos Estados Unidos, que busca apenas preservar a natureza, num estado virgem e mantê-la livre de seres humanos. No México, os povos nativos que residem em reservas naturais ou os seus descendentes mestiços de forte influência indígena são

os melhores guardiões da natureza. Se os parques nacionais e as reservas da biosfera fossem administradas apenas por guardas florestais ou funcionários do governo, seria muito mais fácil, a pessoas sem escrúpulos, saquear os recursos naturais das áreas naturais protegidas do México. As cidades que residem nessas áreas, por outro lado, dependem dos recursos que eles fornecem para sobreviver e, por isso, cuidam deles.

O México tornou-se o maior exportador de produtos agrícolas orgânicos (biológicos ou ecológicos) do mundo, o que não se deve às políticas públicas do governo mexicano. O apoio à agricultura orgânica pelo governo mexicano é muito recente: ocorreu quando esse tipo de produção já havia sido desenvolvido por iniciativa dos atores sociais. Para ser orgânica, a produção agrícola deve respeitar a natureza, algo que não é estranho a muitos dos camponeses indígenas e mestiços do México. Em alguns casos, a certificação orgânica da produção, feita de forma local e associativa, foi um processo relativamente simples, pois os produtores praticamente já trabalhavam de maneira orgânica, mesmo antes de ouvirem a palavra “orgânico”.

Quando uma nova espécie animal ou vegetal é introduzida num novo território e se mostra em vantagem absoluta sobre os seres vivos que já moravam lá, ela geralmente se transforma numa catástrofe ecológica. Por exemplo, 10 milhões de anos atrás, os mamíferos que habitavam a América do Sul eram marsupiais. Quando o Istmo do Panamá foi formado, várias espécies de mamíferos da América do Norte povoaram a América do Sul e causaram a extinção em massa dos marsupiais. Animais e vegetais não podem fazer nada para destruir um novo ecossistema ao qual acessam. O ser humano, com a sua consciência, pode evitar a destruição do lugar onde vive. Até agora, a civilização ocidental provou ser bastante semelhante às espécies animais ou vegetais introduzidos que se tornam pragas. Foi incapaz de conter os seus impulsos destrutivos.

Às vezes, os povos nativos parecem ter uma consciência maior. Neste século, veremos se a civilização moderna pode transcender os seus impulsos básicos e estabelecer os limites necessários para sobreviver. É possível incorporar a grande riqueza cultural que os povos nativos oferecem ao mundo moderno para resolver os sérios problemas que afligem o mundo. É preciso um trabalho comparável ao de trazer a influência da cultura europeia para o mundo, mas na direção oposta. É necessária uma mudança radical de paradigma na maneira como o homem moderno se relaciona com o mundo. A civilização moderna precisa da humildade de Amundsen em face do conhecimento dos povos do Ártico, que, no final, também é o

respeito em face da natureza da qual todos viemos, mesmo que a tenhamos esquecido.

Tradução: Pedro Rodrigues Costa & José Pinheiro Neves

Citação:

Roldán Vera, M. (2020). Os povos originais e a civilização moderna. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 73-80). Braga: CECS.